

## O PAPEL DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE E SILVIO GALLO

### *THE ROLE OF PHILOSOPHY IN EDUCATION ACCORDING TO PAULO FREIRE AND SILVIO GALLO*

Letícia Beatriz de Oliveira Jorge<sup>1</sup>

Prof. Me. Paulo César Delboni<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo exhibe e propõe uma reflexão acerca da importância da filosofia no campo educacional. A educação é uma prática social fundamental que molda o indivíduo e a sociedade. A filosofia, enquanto reflexão crítica sobre os valores, conhecimentos e práticas educativas, desempenha um papel crucial na formação dos educadores e na construção de uma pedagogia significativa, adentrando na importância filosófica cotidiana e demonstrando os impactos ocasionados pela sua desvalorização. Este trabalho busca expor a importância da filosofia na educação, destacando as contribuições de pensadores como Paulo Freire, Silvio Gallo e Demerval Saviani. Através da análise de seus pensamentos, é possível compreender como a filosofia pode transformar a prática educativa e promover uma aprendizagem mais crítica e consciente.

**Palavras-chave:** Educação; Filosofia; Pedagogia; Rizoma; Diálogo.

#### ABSTRACT

This article presents and proposes a reflection on the importance of philosophy in the educational field. Education is a fundamental social practice that shapes both the individual and society. Philosophy, as a critical reflection on educational values, knowledge, and practices, plays a crucial role in the formation of educators and in the construction of meaningful pedagogy, emphasizing the relevance of philosophical thought in everyday life and revealing the impacts caused by its devaluation. This study aims to explore the importance of philosophy in education, highlighting the contributions of thinkers such as Paulo Freire, Silvio Gallo, and Dermeval Saviani. Through the analysis of their ideas, it is possible to understand how philosophy can transform educational practice and promote more critical and conscious learning.

**Keywords:** Education; Philosophy; Pedagogy; Rhizome; Dialogue.

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: lebeati24@gmail.com

<sup>2</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: pdelboni@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é um campo que transcende a simples transmissão de conteúdo. A filosofia, por sua vez, propõe questionamentos e reflexões sobre a natureza do conhecimento, do ser humano e da sociedade. Neste contexto, as obras de Paulo Freire, Silvio Gallo e Demerval Saviani se destacam, oferecendo uma base teórica que fundamenta práticas pedagógicas que visam à emancipação e à formação integral do indivíduo. É um dos pilares fundamentais da sociedade, sendo responsável pela formação de indivíduos críticos, conscientes e capazes de contribuir para o desenvolvimento social e cultural. Nesse contexto, a filosofia emerge como uma disciplina essencial, não apenas por suas reflexões teóricas, mas por sua capacidade de moldar o pensamento crítico, ético e reflexivo.

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e interpretativa. Segundo Gil (2008, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, permitindo ao pesquisador um aprofundamento teórico sobre o tema investigado. Assim, buscou-se compreender e interpretar as contribuições de Paulo Freire, Silvio Gallo e Dermeval Saviani acerca do papel da filosofia na educação, com base em suas obras e em autores que dialogam com suas perspectivas pedagógicas e filosóficas. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se por priorizar a compreensão dos fenômenos em sua complexidade e significados. De acordo com Minayo (2012, p. 22), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações humanas”. Dessa forma, o estudo não busca quantificar dados, mas compreender o sentido e a relevância da filosofia na formação educacional, enfatizando o pensamento crítico e emancipador que ela promove.

A metodologia adotada baseou-se na análise de conteúdo que possibilita organizar, categorizar e interpretar os discursos dos autores, revelando conceitos e convergências teóricas entre eles. A análise foi guiada por três eixos principais: a filosofia como fundamento da prática educativa; a educação como instrumento de libertação e formação crítica; e a desvalorização contemporânea da filosofia na educação brasileira.

A coleta de dados consistiu em uma revisão das obras *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996), *Filosofia e Educação* (GALLO, 2009), *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações* (SAVIANI, 2012), além de textos complementares que dialogam com os mesmos autores. Essa leitura permite compreender a forma como cada pensador articula a filosofia à prática educativa.

Para Paulo Freire, educar é um ato político e filosófico, pois “Não há educação neutra. A educação ou é instrumento de libertação ou é instrumento de domesticação.” (GADOTTI, 1996, p. 32). Já Silvio Gallo (2003, p. 95) compreende que “educar é, antes de tudo, provocar o pensamento, é colocar o aluno diante de problemas que o

façam pensar, que o forcem a criar conceitos para resolvê-los". Por sua vez, Dermeval Saviani (2012, p. 12) ressalta que "a educação só pode ser compreendida no interior das relações sociais", reforçando que o ato educativo deve ser analisado a partir de seu contexto histórico e social.

Portanto, o método de análise deste trabalho fundamenta-se na interpretação crítica e comparativa das concepções filosóficas e pedagógicas desses autores, buscando identificar de que forma seus pensamentos contribuem para a valorização da filosofia como prática formativa essencial no processo educativo.

Desde os tempos da Grécia Antiga, pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles já discutiam a importância da educação como um meio de alcançar a verdade e a virtude. Sócrates, por exemplo, defendia o método dialético como um caminho para o autoconhecimento e a reflexão crítica. Platão, por sua vez, via a educação como um instrumento para a formação do "homem ideal", capaz de governar a cidade-estado com sabedoria e justiça. Essas ideias continuam a ressoar na educação contemporânea, onde a filosofia se apresenta como uma ferramenta poderosa para desenvolver habilidades de pensamento crítico, análise e argumentação. Através do questionamento filosófico, os alunos são incentivados a pensar de forma independente, a avaliar diferentes perspectivas e a formar suas próprias opiniões.

Um dos principais objetivos da educação é promover o pensamento crítico. A filosofia, com sua ênfase no questionamento e na análise, desempenha um papel crucial nesse processo. Ao ensinar os alunos a questionar premissas, a identificar falácias e a construir argumentos sólidos, a filosofia os prepara para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. O desenvolvimento do pensamento crítico não se limita ao âmbito acadêmico; ele é fundamental para a vida cotidiana. Indivíduos críticos são mais capazes de tomar decisões adequadas, de participar ativamente na esfera pública e de contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática. Assim, a filosofia não apenas enriquece o currículo escolar, mas também capacita os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e engajados.

Outro aspecto fundamental da filosofia na educação é sua capacidade de abordar questões éticas. A formação do caráter e dos valores morais é uma parte essencial do desenvolvimento humano, e a filosofia oferece um espaço para explorar essas questões de forma profunda e significativa. Através do estudo de teorias éticas, como o utilitarismo, a ética kantiana e a ética das virtudes, os alunos são desafiados a refletir sobre suas próprias crenças e a considerar as implicações de suas ações. Essa reflexão é essencial para a formação de indivíduos éticos e críticos, que não apenas conhecem o que é certo, mas também têm a coragem de agir de acordo com esses princípios.

Além disso, a educação filosófica promove a empatia e a compreensão do outro. Ao discutir dilemas morais e questões sociais, os alunos são incentivados a considerar diversas perspectivas, desenvolvendo uma sensibilidade para as experiências e realidades dos outros. Essa capacidade de ver além de si mesmos é crucial para a convivência pacífica e para a construção de uma sociedade inclusiva. Em um mundo em constante mudança, a inovação e a criatividade são habilidades cada vez mais

valorizadas. A filosofia, com seu caráter especulativo e aberto ao novo, pode estimular a criatividade dos alunos. Ao encorajá-los a pensar fora da caixa, a questionar normas estabelecidas e a imaginar possibilidades alternativas, a filosofia contribui para a formação de indivíduos inovadores.

A interdisciplinaridade promovida pela filosofia permite que os alunos conectem diferentes áreas do conhecimento, enriquecendo suas perspectivas e estimulando a criatividade. Essa abordagem holística é fundamental em um mundo que exige soluções complexas e integradas para os desafios contemporâneos. A filosofia é uma disciplina fundamental na educação, não apenas por sua rica tradição de pensamento, mas por sua capacidade de moldar indivíduos críticos, éticos e criativos. Ao promover o pensamento crítico, a reflexão ética e a inovação, a filosofia contribui para a formação integral do ser humano, preparando-o para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. É essencial que a filosofia encontre um lugar de destaque no currículo educacional, não apenas como uma matéria isolada, mas como um componente transversal que permeie todas as áreas do conhecimento. Investir na educação filosófica é investir no futuro de uma sociedade mais consciente, justa e capaz de promover o bem comum. A educação, fundamentada na filosofia, é, sem dúvida, a chave para a construção de um mundo melhor, autônomo, crítico e verdadeiro.

## **2. A FILOSOFIA ACERCA DA EDUCAÇÃO**

Desde os primórdios das civilizações, homens se desenvolvem como seres pensantes, afinal, como chegaríamos num hoje, se não houvesse o desenvolvimento passado? Como mãe organizadora de todo pensamento, a Filosofia está para além de uma teoria silogista ou cunhada em livros secretos, a filosofia está presente, todos os dias, dia a dia, em nosso despertar, em nosso caminhar, em nosso existir.

No ano 623 a.C, nascia um dos mais conhecidos nomes da filosofia pré-socrática, conhecido como fundador da filosofia ocidental, Tales instaurava um pensamento crítico e analítico, ao observar em uma viagem que havia plantas verdes e vívidas, animais por perto e um desenvolvimento natural maior onde havia água. Nesse momento, pensou de forma filosófica, “de onde vem a vida?”, pois obteve a resposta que há vida onde há água e ela seria o princípio de tudo. Após Tales, inúmeros e célebres pensantes também começaram suas investigações acerca da vida, do mundo, da metafísica, do outro, do espírito, da ética e educação. A filosofia se propaga desde que podemos conceber a ideia de um homem, afinal, tudo é filosofia.

Por tantos e tantos séculos maculada como doutora e detentora de sabedoria, a Filosofia se consolidava em espécies de grupos intelectuais, aqueles talvez considerados loucos, outros, considerados figuras de extrema importância, que detinham um saber, um ideal que podia dar sentido à vida, sentido à angústia de um período, realizando e provando teorias, fazendo de suas vidas uma enorme e incessante descoberta pelo mundo e para o mundo. Perpetuada por diversos séculos, a tão brilhante e inefável filosofia, foi perdendo forças e traços; revoluções, guerras, êxodo, pestes, o homem foi deixando de pensar, foi deixando de se admirar pelo comum e forçado a sobreviver, com um trabalho que ocupava todo seu tempo, um

sistema que passara a “podar” seus ramos para encaixar num todo e o terror... O terror de sistemas autoritários e levianos que calavam aqueles que pensavam diferente, que exilavam quem fosse contra ele.

Podemos notar que, desde então, mentes brilhantes perderam espaço para uma doutrinação sistemática, onde o capital se tornou mais importante do que vidas. Mesmo tão obsoleta e apagada, a filosofia resiste, todos os dias, em pequenos gestos e aspectos do nosso viver. Há quem não perceba, há quem não veja importância, há quem não se admire, mas é inegável e indubitável que a filosofia é necessária, da mesma forma que fora propagada, precisa ser retomada e é através da educação que poderemos obter resultados e conscientização, afinal, é por ela que aprendemos, que vivemos, criamos teorias e rotinas. A educação é ponto chave de todo existir, porém uma educação doutrinada não forma homens conscientes, forma homens desgostosos pelo saber, acreditando que no final, mais valerá um esforço manual por um capital, do que um esforço mental para um justo viver.

## **2.1 PAULO FREIRE, PEDAGOGIA E FILOSOFIA**

A obra do pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) constitui um dos mais significativos e influentes contributos para a filosofia da educação no século XX e além. A sua produção intelectual, gestada a partir da experiência concreta com as classes oprimidas do Nordeste brasileiro e refinada no exílio para o Chile, por conta do regime militar, transcende em muito o campo estritamente pedagógico, atuando como um sólido sistema de pensamento ético, político e filosófico. A problemática que orienta esta análise é investigar de que modo Freire articula, de forma coerente e indelével, a educação como um ato político de libertação, superando a visão da educação como mera transmissão de conhecimento e reposicionando-a como um processo dinâmico de humanização.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987.)

Para podermos compreender a profundidade do pensamento freiriano, é imperativo situá-lo no contexto de sua gênese. A experiência da seca, da fome e da miséria no Nordeste brasileiro não foi um pano de fundo, mas a matéria-prima de sua reflexão. Foi aí que Freire percebeu que a fome de alimento e a fome de conhecimento eram faces da mesma moeda da opressão. Desta experiência, ele forjou uma filosofia que é, acima de tudo, uma resposta à desumanização. Filosoficamente, Freire não se filia a uma única escola, mas constrói uma síntese original e crítica a partir de várias correntes. Do Existencialismo Cristão de pensadores como Gabriel Marcel e Emmanuel Mounier, ele extrai a noção do ser humano como um "projeto inacabado", dotado de uma vocação ontológica para ser mais. Esta concepção nega qualquer visão determinista ou mecanicista da existência humana, afirmando a capacidade de transcender as condições imediatas. Do Personalismo, herdou a ênfase na dignidade da pessoa humana e na construção comunitária, recusando tanto o individualismo liberal quanto o coletivismo massificado.

... distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes (...). a “hominização” não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza

o mundo. A “hominização” não é só processo biológico, mas também história (FREIRE, 1987, p. 14).

Contudo, o arcabouço teórico que lhe fornece as ferramentas para uma análise estrutural da opressão vem de uma leitura heterodoxa e humanista do Marxismo. Freire apropria-se do conceito de práxis, a unidade indissociável entre ação e reflexão e da crítica às estruturas de classe, mas rejeita qualquer dogmatismo econômico ou visão de luta de classes que desumanize o oponente. Sua leitura é, sobretudo, ética e cultural. Além disso, dialoga com a Fenomenologia, ao privilegiar a experiência vivida como ponto de partida para a construção do conhecimento. Não é um ecletismo, mas uma fusão coerente.

“O que presta no capitalismo, no meu entender, não é ele. Para mim, ele é uma malvadeza em si mesma. Se se pensa na excelência do capitalismo no Brasil, eu me pergunto: que excelência é esta que produz 33 milhões de famintos?” — Entrevista para a Folha de São Paulo, 1994.

O ponto de partida da pedagogia freiriana é uma crítica devastadora ao modelo tradicional de educação, que ele denominou de “conceito bancário da educação”. Neste modelo, o educador é o sujeito único e ativo do processo, detentor de um conhecimento estático que deve ser depositado nos educandos, estes vistos como recipientes vazios e passivos. Freire (1987, p. 33) descreve com precisão cirúrgica: “A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em vez de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem”.

Esta relação é, para Freire, a antessala da relação opressora mais ampla na sociedade. A educação bancária não é neutra, é um instrumento político de domesticação e manutenção da ordem vigente. Ela anula a curiosidade epistemológica natural do ser humano, substituindo-a pela passividade.

O educando é “adaptado” ao mundo, e não incentivado a transformá-lo. Freire vai além, classificando esta pedagogia como “necrófila” (amante da morte), por se alimentar da falta de criatividade, da repetição e do silenciamento, em oposição a uma educação “biófila” (amante da vida), que celebra o diálogo, a inquietação e a inventividade. Em oposição diametral ao modelo bancário, Freire propõe a “educação libertadora” ou “Pedagogia do Oprimido”. Se o núcleo da primeira é o depósito, o núcleo da segunda é o diálogo. O diálogo freiriano não é uma técnica de ensino ou uma conversa casual; é um imperativo epistemológico e ético. É o encontro horizontal entre os homens, mediatizado pelo mundo, para nomeá-lo e transformá-lo. Ele exige humildade, fé no poder criador do ser humano, amor e esperança.

“Fundamenta-se no amor, na humildade e na fé nos homens. Por isto é que o diálogo só pode realizar-se entre sujeitos, que nomeiam o mundo, e não entre quem nomeia e quem é nomeado” (GADOTTI, 1996, p. 45).

Deste diálogo genuíno surge o processo de conscientização. Este é talvez o conceito mais crucial e, simultaneamente, mais malcompreendido da obra freiriana. Conscientização não é simplesmente “tomar consciência” de algo ou “ter acesso à

informação". É um processo profundamente crítico de leitura do mundo que desvela as contradições sociais, políticas e econômicas que o constituem. É entender as causas profundas da opressão, superando a visão ingênua ou mágica da realidade. A conscientização é a chave que permite aos oprimidos deixarem de ser objetos da história para se assumirem como sujeitos da sua própria história. O método freiriano de alfabetização é a encarnação prática desta filosofia. Ao invés de cartilhas com frases descontextualizadas, parte-se do universo vocabular dos educandos, das palavras e temas significativos de sua realidade concreta (trabalho, terra, casa, chuva).

Estas palavras geradoras são decompostas em sílabas, permitindo a construção de novas palavras, mas, mais importante, são problematizadas em círculos de cultura. A palavra "tijolo", por exemplo, não é apenas um fonema a ser decodificado; é o ponto de partida para uma discussão sobre habitação, condições de trabalho na construção civil, direitos laborais e justiça social. Aprender a ler a palavra é inseparável de aprender a ler o mundo. Freire é absolutamente categórico ao desmascarar o mito da neutralidade educacional. Para ele, a educação é sempre um ato político. A pretensa neutralidade é, na verdade, uma tomada de posição a favor da manutenção das estruturas dominantes.

"Não há educação neutra. A educação ou é instrumento de libertação ou é instrumento de domesticação" (GADOTTI, 1996, p. 32).

Esta afirmação desloca a educação do campo técnico-instrumental para o campo ético-político. O educador, portanto, não pode ser neutro. Ele deve assumir uma posição clara: a favor dos oprimidos, a favor da humanização. Isto não significa doutrinar o educando ou impor-lhe uma visão de mundo, mas sim criar as condições pedagógicas para que ele próprio, através da conscientização, possa fazer suas escolhas políticas de forma autônoma e crítica. A ética freiriana é uma ética emancipatória, que se define pela luta contra todas as formas de injustiça, exploração e violência que tornam os seres humanos menos humanos.

Em sua obra posterior, particularmente em "Pedagogia da Autonomia", Freire aprofunda os saberes necessários para a prática educativa transformadora. Ele elabora uma série de conceitos que se tornam fundamentais, dos quais citarei dois, como a Curiosidade Epistemológica que é uma curiosidade ingênua, comum a todos, deve ser elevada à curiosidade epistemológica crítica, metódica e rigorosa. Esta é a base do verdadeiro aprendizado e da produção do conhecimento. E o termo Inédito Viável, que é o conceito que expressa a dimensão da esperança e da possibilidade. É a crença de que a realidade não é fatalmente determinada e que é possível intervir nela para construir um futuro que ainda não existe, mas que é viável. A educação é o exercício de projetar e lutar pelo inédito viável.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 25).

A obra de Paulo Freire permanece profundamente atual. Seus conceitos são ferramentas poderosas para analisar criticamente fenômenos contemporâneos como a educação à distância desumanizadora, a alienação digital, a persistência de

profundas desigualdades educacionais e a mercantilização do ensino. Movimentos sociais em todo o mundo continuam a utilizar sua pedagogia como guia para a formação política e para a educação popular.

Naturalmente, seu pensamento também enfrenta críticas. Setores conservadores acusam-no de doutrinação marxista e de politização excessiva da sala de aula. Alguns críticos argumentam que sua teoria é mais eficaz como filosofia do que como método prático para sistemas de educação de larga escala. Outros apontam para desafios na aplicação do diálogo horizontal em contextos com grandes assimetrias de conhecimento. No entanto, mesmo estas críticas testemunham a vitalidade e o poder provocador de suas ideias, que seguem a gerar debate décadas após sua formulação. Paulo Freire é um sistema robusto, coerente e radicalmente humanista. Ele redefiniu para sempre o campo da pedagogia ao demonstrar, de forma incontornável, que educar é um ato político, ético e epistemológico profundamente implicado na luta pela liberdade. Ao colocar o diálogo, a conscientização e a práxis no centro do processo educativo, Freire ofereceu não apenas uma crítica contundente aos modelos opressores, mas um caminho concreto para uma educação que liberta. Seu legado é um convite permanente a todos os educadores, para assumir o seu papel como agentes de transformação, na corajosa e esperançosa crença

## 2.2 SILVIO GALLO E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A filosofia da educação no Brasil contemporâneo tem em Silvio Gallo um de seus pensadores mais originais e provocativos. Professor titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Gallo destaca-se por realizar uma apropriação crítica e criativa da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari para pensar os problemas e os potenciais do campo educacional. Sua obra não propõe um método ou um modelo pedagógico fechado; antes, ela se configura como uma ferramenta conceitual para desestabilizar as certezas e as estruturas rígidas que historicamente organizam a escola. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise crítica da contribuição de Silvio Gallo, explorando os fundamentos de seu pensamento, suas proposições centrais, seus potenciais transformadores e, de forma moderada, os limites e desafios inerentes à aplicação de uma filosofia tão radicalmente aberta e antissistêmica em um contexto educacional marcado por exigências de ordem, currículo e avaliação. O grande trunfo de Gallo foi traduzir conceitos complexos da filosofia pós-estruturalista francesa para uma linguagem acessível e pertinente ao educador. Seu pensamento é uma constante operação de desterritorialização, termo deleuzo-guattariano que ele aplica para pensar a saída dos territórios consolidados da pedagogia tradicional.

O conceito de rizoma é central para entender sua proposta de uma nova lógica educacional. Gallo opõe o rizoma à estrutura arbórea, hierárquica e binária que domina a escola tradicional. Ele afirma:

"O pensamento em árvore é aquele que melhor caracteriza o que chamamos de 'pensamento do Estado Maior': um pensamento que classifica, hierarquiza, ordena, centraliza. Contra esse modelo, Deleuze & Guattari opõem o pensamento rizomático, que se caracteriza por princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante e cartografia" (GALLO, 1995, p. 85).

Nesta perspectiva, o currículo não seria uma linha reta e sequencial a ser seguida, mas um mapa de conexões múltiplas e imprevistas. O conhecimento deixa de ser um produto a ser transmitido e absorvido e passa a ser entendido como uma produção constante, fruto dos encontros e das relações que se estabelecem no ambiente educativo.

Outro pilar fundamental é a noção de educação menor, inspirada no conceito de literatura menor de Kafka, elaborado por Deleuze e Guattari. Gallo a define não como uma educação para minorias, mas como uma prática política de minoria dentro do sistema maior. É um uso da educação para criar brechas, para escapar das lógicas dominantes:

"Uma educação menor seria aquela que levasse a língua (e os saberes) a um 'devir-outro', que fizesse vibrar o instituído, que criasse linhas de fuga em relação ao esperado, ao previsível, ao normalizado. Uma educação que, no interior mesmo da língua majoritária, criasse usos minoritários, que a levasse a expressar potências de transformação" (GALLO, 2002, p. 17).

A educação menor se efetiva através de conceitos que funcionam como operadores práticos para o pensamento e a ação pedagógica. Ele cunhou alguns termos, como linhas de fuga, que são processos de escape dos modelos pré-estabelecidos, movimentos de criação que rompem com o esperado. Na sala de aula, uma pergunta inusitada de um aluno, uma conexão não prevista no plano de aula, um projeto que desvia do currículo oficial são potencialmente linhas de fuga. No entanto, Gallo adverte sobre a dualidade desse conceito: "Não se trata de romantizar as linhas de fuga, pois elas podem conduzir tanto à criatividade e à liberação quanto à destruição e ao caos. O desafio é saber traçá-las, experimentá-las, sem perder o pé do chão" (GALLO, 2003, p. 92). Esta advertência é crucial para uma análise crítica, pois expõe o risco inerente à sua filosofia. O Pensamento Nômade, como descreve Gallo, é contra o pensamento sedentário que ocupa e estratifica um espaço (a sala de aula organizada, o currículo fixo), o pensamento nômade percorre um espaço liso, aberto e sem divisões fixas. O aluno nômade é aquele que traça seu próprio percurso de aprendizagem, e o professor assume um papel radicalmente novo:

"O professor, nessa perspectiva, não é aquele que transmite um saber pronto, mas aquele que constrói as condições, que provoca os encontros para que o pensamento se mova, para que novos saberes sejam produzidos" (GALLO, 2010, p. 45).

Devir em oposição à lógica do "ser" (que pressupõe identidades fixas e estáveis), o devir é o processo constante de tornar-se outro. Uma educação baseada no devir não busca formar um modelo de aluno ou um cidadão ideal, mas permitir processos de transformação: devir-criança, devir-revolucionário, devir-professor. O conhecimento, aqui, é experiência e transformação, não acumulação. Gallo é claro:

"O devir é o operador por excelência de uma educação da diferença, pois ele se opõe diretamente à lógica da identidade que rege a educação tradicional" (GALLO, 2003, p. 105).

Sua primeira grande virtude é a desnaturalização das estruturas educacionais. Ao demonstrar que a organização serial, disciplinar e hierárquica da escola é uma construção histórica e não uma verdade natural, Gallo abre espaço mental e político para imaginar outros arranjos possíveis, mais flexíveis e plurais.

Em segundo lugar, coloca a criatividade e a invenção no cerne do processo educativo. Ao valorizar as linhas de fuga, ele convida professores e alunos a se tornarem efetivos produtores de conhecimento, e não meros reprodutores de um saber canônico e estático. Isto é particularmente relevante em um mundo que demanda capacidade de improvisação e solução criativa de problemas.

Terceiro, fornece uma base filosófica sólida para práticas como a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. O modelo rizomático é, por essência, um modelo de conexão, superando a fragmentação do conhecimento em caixas organizadas e etiquetadas (as disciplinas).

Por fim, e talvez o mais importante, é uma filosofia de claro teor político emancipatório. Uma educação menor é, por definição, uma educação de resistência. Ela se opõe ativamente à homogeneização, à padronização e a todas as formas de dominação que operam através do aparato escolar tradicional.

Apesar de sua enorme potência teórica, a proposta galliana enfrenta sérios obstáculos quando confrontada com a realidade concreta dos sistemas de ensino.

O principal desafio é a tensão irresolúvel entre a liberdade rizomática e a necessidade de estrutura. Sistemas educacionais públicos, em escala nacional, exigem diretrizes curriculares, avaliações padronizadas e uma certa previsibilidade de resultados para garantir equidade. Como conciliar isso com um currículo-mapa, aberto e nômade? Gallo (1995) reconhece a tensão, mas sua obra se dedica mais à crítica do que à proposição de modelos alternativos de gestão em larga escala. Há um risco real de que sua filosofia seja apropriada de forma romântica, levando a um vale-tudo pedagógico que, na prática, pode ampliar as desigualdades, pois alunos com maior capital cultural se beneficiariam mais da liberdade oferecida.

Em segundo lugar, há uma subdeterminação do papel do professor. Se o professor deixa de ser o mestre detentor do saber para se tornar um agenciador de encontros, que formação específica e intensiva ele necessita para desempenhar esse novo papel? Como evitar que, na falta dessa formação, a proposta se transforme em um mero espontaneísmo? Gallo não detalha suficientemente os processos de formação docente necessários para sustentar essa transição, deixando uma lacuna significativa.

Terceiro, persiste uma tensão com as demandas de equidade e justiça social. A escola é, também, um mecanismo para garantir um patamar mínimo de conhecimentos e competências a todos, funcionando como uma potencial equalizadora social. Uma educação radicalmente singular e nômade pode, paradoxalmente, negar a muitos o acesso a esses conhecimentos socialmente valorizados, aprofundando o fosso educacional. A filosofia de Gallo carece de uma discussão mais aprofundada sobre como equilibrar a valorização da diferença singular com a necessidade de oferecer um comum que empodere os mais vulneráveis.

Por fim, pode-se criticar o estatuto do conhecimento em sua obra. A ênfase exacerbada no processo (devir) em detrimento do produto (o conhecimento consolidado) pode levar a uma certa desvalorização dos conteúdos disciplinares.

Ele forneceu as ferramentas conceituais para uma crítica profunda e radical ao modelo educacional tradicional, abrindo caminho para se imaginar uma escola mais livre, criativa e acolhedora das diferenças. Sua defesa de uma educação menor, rizomática e nômade, é um antídoto vital contra a estagnação e o autoritarismo pedagógico. No entanto, como demonstrado, sua proposta não é um mapa pronto para ser seguido, mas um conjunto de ferramentas para pensar. Seus limites são, em grande parte, os limites de se aplicar uma filosofia da desestratificação (destruindo camadas) e da liberdade radical em um contexto que é, por natureza, institucional e normatizado. Os desafios da estrutura, da formação docente, da equidade e da avaliação permanecem como questões em aberto.

Talvez a maior virtude do pensamento de Gallo seja justamente essa: não nos oferecer respostas confortáveis, mas nos obrigar a pensar, a nos colocar em estado de permanente questionamento. Ele não nos convida a aplicar um método, mas a habitar um processo de constante devir-professor e devir-aluno, traçando, juntos, linhas de fuga que possam, efetivamente, transformar a educação em uma experiência de liberdade e invenção. Portanto não é um ponto de chegada, mas um convite para um caminho nômade de reflexão e prática.

### **3 DIÁLOGO DE IDEIAS**

As ideias de Freire e Gallo convergem em vários aspectos. Ambos defendem uma educação que priorize o ser humano, promovendo a reflexão crítica e a autonomia. A filosofia, para esses pensadores, não é apenas um campo de estudo, mas uma prática que deve estar presente na educação, permitindo que os alunos se tornem cidadãos conscientes e ativos.

Através da filosofia, a educação se torna um espaço de questionamento e transformação, onde os alunos aprendem a pensar criticamente sobre suas realidades e a agir em busca de um mundo mais justo. A educação não deve ser um campo de doutrinação, mas um lugar onde ideias possam ser acolhidas, nutridas e estimuladas. O ser humano produz beneficentemente de acordo com seus interesses, onde seus estímulos e desejos sejam correspondidos, aterrar essa necessidade, é enterrar o desejo de vida do homem.

Para Freire, a educação nunca é neutra, é uma prática social, que pode levar à liberdade ou à dominação. Em sua essência, é uma pedagogia para humanização, que expõe o homem a uma dialogia potente para seu agir e pensar, influenciado pelo existencialismo cristão e pelo marxismo humanista, ele afirma "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1987, p. 79). Já Gallo, busca nas ferramentas de Deleuze e Guattari um caminho para pensar uma educação para emancipação e diferença, afirma o autor "educar é, antes de tudo, provocar o pensamento, é colocar o aluno diante de problemas que o façam pensar, que o forcem a criar conceitos para resolvê-

los" (GALLO, 2003, p. 95). Ambos se assemelham em diversos pontos e práticas, mas convergem em suas estruturas.

O primeiro e mais evidente ponto de convergência entre Freire e Gallo é a crítica contundente ao modelo tradicional de educação. Ambos rejeitam a ideia de uma educação asséptica e apolítica. Para Freire, a educação bancária é um instrumento de dominação, que imobiliza e adapta os indivíduos à estrutura opressora. Para Gallo, o modelo tradicional, com seu currículo engessado e sua lógica da reprodução, é uma máquina de subjetivação que formata os indivíduos para a obediência e a homogeneidade, anulando a diferença.

"A escola, tal como a conhecemos, é uma grande máquina de subjetivação: ela produz um tipo específico de subjetividade, o indivíduo disciplinar, aquele que é capaz de se submeter à disciplina social, que é capaz de ocupar um lugar na sociedade e reproduzir a ordem estabelecida. A escola fabrica o 'indivíduo'." (GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 81).

Ambos partilham a compreensão de que a escola não é uma ilha isolada da sociedade, mas um território onde as relações de poder e os projetos de sociedade se manifestam e são disputados. A educação, portanto, é intrinsecamente política. Uma citação de Gallo ecoa Freire quando este diz que a neutralidade é impossível: a educação ou serve para a libertação ou para a domesticação.

Outra postura fundamental reside na valorização do diálogo. Em Freire, o diálogo é o fundamento epistemológico e ético de sua pedagogia. É através do diálogo amoroso, humilde e esperançoso que educador e educandos se reconhecem como seres inacabados e buscam, juntos, o conhecimento. O diálogo freiriano é uma exigência existencial e um caminho para a conscientização.

"O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu." (FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 79).

Gallo, embora parta de uma tradição filosófica diferente, também elege o diálogo ou, mais precisamente, a conversação como elemento central de uma educação emancipatória. Na sala de aula rizomática, o conhecimento é construído coletivamente a partir do encontro entre diferentes ideias, perspectivas e saberes. É uma prática que valoriza a conversa, o debate e a construção coletiva de significados, aproximando-se da dialogicidade freiriana ao recusar a relação vertical e unidirecional do ensino tradicional.

A visão sobre o papel do educador também apresenta pontos de contato, embora com nuances distintas. Em Freire, o educador não é o que tudo sabe, mas o que, sabendo que não sabe tudo, se coloca ao lado do educando na busca do conhecimento. Ele é um mediador, um provocador, aquele que desvela a realidade para que o educando possa nela intervir. Sua autoridade é reconhecida, mas não é autoritária; é necessária para a direção do processo. Já Gallo, inspirado em Deleuze, vê o professor como um criador de condições para que o pensamento flua. Seu papel é o de organizar

encontros, propor problemas, fornecer ferramentas conceituais e criar um ambiente propício para que os alunos exercitem sua capacidade de pensar e criar. É uma figura que se afasta do centro do palco para permitir que os processos de aprendizagem se multipliquem. Ambos, portanto, descentralizam a figura do professor onisciente, transformando-o em um facilitador de processos de aprendizagem autônomos e críticos.

Quanto ao conhecimento, as perspectivas se entrelaçam na rejeição ao saber estático e acumulativo. Para Freire, o conhecimento se constrói na relação dialética entre o sujeito e o objeto de estudo, partindo da experiência concreta dos educandos ("leitura do mundo") para chegar a uma compreensão mais crítica e elaborada. O saber é uma ferramenta para a ação transformadora. Gallo, por sua vez, enfatiza o conhecimento como produção e invenção. O foco não está em "o que" se sabe, mas no "como" se pensa e no que se pode criar a partir do que se sabe. O conhecimento é um processo, um devir, e não um produto final. Enquanto Freire vê o conhecimento como chave para a leitura crítica da realidade, Gallo o vê como uma ferramenta para a criação de novas realidades possíveis.

Paulo Freire opera dentro de uma lógica dialética. Sua pedagogia é movida pela superação de contradições em direção a uma síntese que é a libertação e a humanização. Há um horizonte utópico, um inédito viável, para o qual a educação deve caminhar. A realidade é compreendida como um campo de lutas e contradições que podem e devem ser resolvidas. Silvio Gallo, fundamentado no pensamento de Deleuze e Guattari, rejeita a lógica dialética da contradição e da síntese. Para ele, o mundo é rizoma, é multiplicidade, é pura diferença. Não se busca uma síntese ou uma unidade, mas a proliferação das diferenças. O objetivo da educação não é resolver contradições em direção a um fim pré-determinado, mas criar linhas de fuga, multiplicar conexões e produzir agenciamentos que ampliem as potências de vida. Enquanto Freire pensa uma pedagogia do oprimido, com um sujeito histórico definido, Gallo pensa uma pedagogia do conceito, que não se define por um sujeito, mas por processos de subjetivação sempre em aberto. A divergência entre a dialética freiriana e o rizoma galiano não é uma oposição estéril, mas uma tensão produtiva. Freire oferece um caminho ético e político robusto, ancorado na luta concreta pelos oprimidos e na transformação social estrutural. Sua pedagogia é um farol para a educação popular e para projetos que visam à justiça social. Gallo, por outro lado, oferece ferramentas para uma micropolítica do cotidiano escolar, para uma educação que valorize a singularidade, a criação e a resistência aos processos de normalização e padronização impostos pela lógica capitalista contemporânea. Uma visão complementa a outra, a luta pela libertação (Freire) necessita das micro práticas de invenção e diferença (Gallo) para não cair em novos dogmatismos.

A síntese deste encontro não é uma resposta única, mas um chamado duplo: à conscientização política e à invenção ética. A educação, como bem entenderam ambos, permanece um terreno de luta e de esperança, onde, citando Freire, "é preciso ousar para dizer sempre, jamais para silenciar" (FREIRE, 1996, p. 166), e onde, na visão de Gallo, é preciso criar as condições para que o novo e o imprevisível possam emergir.

## 4 O PAPEL DA FILOSOFIA

A educação, entendida como prática social e política, exige uma base filosófica sólida que oriente não apenas seus objetivos, mas também seus métodos, conteúdos e finalidades. A exclusão ou desvalorização da filosofia nos currículos escolares compromete a formação ética, crítica e emancipadora dos sujeitos, favorecendo práticas pedagógicas tecnicistas, adaptativas e despolitizadas.

“faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar num movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário [...], condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-datado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.” (FREIRE, 1996, pp. 80-81).

Para Dermeval Saviani (2012), a educação é parte constitutiva do processo de desenvolvimento humano e deve estar orientada para a transformação da realidade social. Em sua Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani propõe uma superação tanto das pedagogias tradicionais quanto das progressistas liberalizantes, como a escolanovista. Ele defende que a escola tem a tarefa de sistematizar o conhecimento historicamente acumulado e torná-lo acessível às classes populares. Esse processo exige uma postura filosófica diante da educação: compreender o papel da escola como espaço de disputa entre hegemonias, onde o conhecimento não é neutro, mas mediado por valores, ideologias e projetos políticos.

A concentração da atenção exigida para realizar a sincronia desses movimentos absorve todas as energias. Por isso o aprendiz não é livre ao dirigir. No limite, eu diria mesmo que ele é escravo dos atos que tem que praticar. Ele não os domina, mas, ao contrário, é dominado por eles. A liberdade só será atingida quando os atos forem dominados. E isso ocorre no momento em que os mecanismos forem fixados. Portanto, por paradoxal que pareça, é exatamente quando se atinge o nível em que os atos são praticados automaticamente que se ganha condições de se exercer, com liberdade, a atividade que compreende os referidos atos. Então, a atenção liberta-se, não sendo mais necessário tematizar cada ato. Nesse momento, é possível não apenas dirigir livremente, mas também ser criativo no exercício dessa atividade. E só se chega a esse ponto quando o processo de aprendizagem, enquanto tal, completou-se. Por isso, é possível afirmar que o aprendiz, no exercício daquela atividade que é o objeto da aprendizagem, nunca é livre. Quando ele for capaz de exercitá-la livremente, nesse exato momento ele deixou de ser aprendiz. As considerações *supra* podem ser aplicadas em outros domínios, como, por exemplo, aprender a tocar um instrumento musical etc. (SAVIANI, 2008, pp. 19-20)

Essa concepção dialoga com a proposta de Paulo Freire, que considera a educação uma prática da liberdade. Segundo Freire (1996, p. 23), “a educação é um ato político”, educar é um ato político que deve partir da realidade do educando, respeitando seu contexto e sua experiência, mas guiando-o rumo à conscientização crítica. Essa perspectiva pressupõe uma relação dialógica entre educador e educando, fundada na

problematização do mundo. Freire compreende o ato de ensinar como um processo ético e filosófico, no qual o conhecimento é um instrumento de libertação e de ação transformadora. Na contemporaneidade, Silvio Gallo retoma essa concepção ao afirmar que a filosofia na escola não deve ser tratada apenas como conteúdo, mas como prática de pensamento. Segundo o autor (2000), a atividade filosófica contribui para que o estudante desenvolva a capacidade de argumentar, refletir, problematizar e agir com base em valores éticos e políticos. A filosofia não é um luxo acadêmico, mas um exercício de cidadania, pois educa o pensamento e amplia a consciência sobre o mundo.

“ao contrário do que ocorre na teoria anti-dialógica da ação, que mitifica a realidade para manter a dominação, na colaboração, exigida pela teoria dialógica da ação, os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, os desafia. A resposta aos desafios da realidade problematizada é já ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la.” (FREIRE, 1987, p. 167).

A desvalorização da filosofia é um tema debatido em diversos contextos, desde a educação até o mercado de trabalho. A percepção pública e mercado de trabalho promovem grande impacto na escolha da filosofia. A filosofia, muitas vezes, é vista como uma disciplina abstrata e sem aplicação prática. Muitos graduados em filosofia enfrentam dificuldades para encontrar empregos que valorizem suas habilidades críticas, analíticas e argumentativas. O estereótipo do filósofo como alguém isolado em torres de marfim contribui para essa percepção.

Com a nova formulação do ensino médio, essa percepção não só virou um achismo, mas uma certeza. Com a aprovação da lei 13.415/2017, a Filosofia foi diluída e fragmentada em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA). Antes bem elaborada, agora defasada, a Filosofia perdeu campos como lógica, metafísica, estética e epistemologia. O saber antes conduzido para o crítico, virou um saber conformista.

A inclusão da filosofia nos currículos escolares tem diminuído em muitos países. No Brasil, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 trouxe diretrizes que, em muitos casos, relegam a filosofia a um espaço secundário em comparação com disciplinas como matemática e ciências naturais. O filósofo e educador Mario Sergio Cortella já alertou para o fato de que essa desvalorização pode levar a uma formação menos crítica e reflexiva nas novas gerações (Cortella, M. S. "Qual é a tua obra?"). O NEM acrescentou empreendedorismo, sem ao menos avaliar o poder aquisitivo e social dos estudantes, ora, ensinar a fazer brigadeiro é de maior importância do que salientar e estimular o pensamento dos jovens.

A vida não se faz apenas para estimular o ganho de capital, mas conteúdos artísticos, filosóficos, científicos e humanistas são de extrema importância para a educação, pois entendemos a sociedade e nossa subjetividade. É através do desenvolver crítico que entendemos a nossa necessidade na vida. A educação para a liberdade de Freire, virou apenas motivo de depreciação nesse atual cenário, afinal, educamos para seguir um sistema de massa, não há expressão e saciedade com a atual educação. Gallo, atualmente descontente se mantém firme em seus posicionamentos, mesmo assim,

seu nome não ganha forças pois não compete às necessidades da atual sociedade brasileira.

“É aqui que a educação desempenha o seu papel antropológicamente decisivo: não constituindo um fim em si, ela é, todavia, imprescindível para o cumprimento do homem como fim em si mesmo. [...] A educação serve, pois, a construção de um homem definido pelo seu futuro: antecipa a humanidade futura – o que lhe confere sentido – porque o homem tem necessidade da educação para concretizar a sua liberdade e se instituir como ser moral.” (CARVALHO, 1990, pp. 145 ss).

Estudos indicam que a filosofia é uma área de estudo que atrai menos estudantes em comparação com outras ciências. Essa tendência sugere um desinteresse crescente, possivelmente devido à ênfase no retorno financeiro imediato que outras áreas oferecem. Afinal, com a crescente e massacrante desvalorização, abominam a Filosofia e a chamam de inútil, pois o pensamento do homem deve ser conduzido a seguir ordens. Nos últimos anos, houve uma valorização excessiva do empreendedorismo e das ciências aplicadas, frequentemente em detrimento das humanidades. O movimento em direção a uma educação focada em habilidades práticas e empregabilidade tem levado à marginalização de disciplinas que não se traduzem diretamente em empregos bem remunerados. Com o avanço das tecnologias e a predominância do pensamento científico, muitas vezes a filosofia é vista como incompatível ou irrelevante. No entanto a filosofia é fundamental para a ética e a compreensão das implicações sociais e morais do avanço tecnológico. O desenfreado rumo que afeta a sociedade, não tem ponderamento, cada dia que se passa, as pessoas são tomadas pela ignorância no saber, confortáveis em suas telas, assumindo uma postura passiva em relação ao mundo e suas controvérsias. A desvalorização da filosofia é um fenômeno complexo que se reflete em diferentes esferas da sociedade. Apesar dos desafios, o estudo da filosofia continua a ser essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e ético, sendo uma ferramenta valiosa para a construção de uma sociedade mais reflexiva e consciente. Essa desvalorização da filosofia no ambiente escolar tem como consequência direta o empobrecimento do processo formativo dos estudantes. Ao reduzir ou eliminar a presença da filosofia na educação básica, nega-se aos educandos a possibilidade de desenvolver competências fundamentais como o pensamento crítico, a argumentação ética e a reflexão autônoma.

Segundo Silvio Gallo (2000), a filosofia é um exercício constante de problematização, que permite ao sujeito interrogar a realidade, compreender sua posição no mundo e agir de forma consciente e ética. Quando essa prática é ausente na escola, o estudante tende a reproduzir discursos prontos, sem questionar normas, valores ou estruturas sociais, tornando-se mais vulnerável à manipulação ideológica. Paulo Freire (1987) também afirma que a educação sem criticidade tende à domesticação, e não à libertação.

É aqui que a educação desempenha o seu papel antropológicamente decisivo: não constituindo um fim em si, ela é, todavia, imprescindível para o cumprimento do homem como fim em si mesmo. [...] A educação serve, pois, a construção de um homem definido pelo seu futuro: antecipa a humanidade

---

futura – o que lhe confere sentido – porque o homem tem necessidade da educação para concretizar a sua liberdade e se instituir como ser moral. (CARVALHO, 1990, pg. 145).

A ausência da filosofia impede que o educando se perceba como sujeito histórico, capaz de transformar sua realidade. Isso compromete o desenvolvimento de uma consciência ética e política, essencial para o exercício da cidadania. Uma educação que ignora a filosofia tende a cair num tecnicismo alienante, no qual o conhecimento é visto apenas como ferramenta para o mercado, e não como instrumento de emancipação humana. A formação deixa de ser integral e crítica, e passa a ser funcional, voltada à adaptação e não à transformação.

A maior consequência da desvalorização da filosofia na escola é a negação da possibilidade de formação de sujeitos autônomos e politicamente conscientes, o que, em última instância, compromete a própria democracia. Não se trata de um luxo intelectual, um status de inteligência, a filosofia carrega em si, a necessidade do homem de se fazer ativo e consciente. A filosofia exerce uma função estratégica na formação humana: ela permite que os sujeitos compreendam sua realidade, questionem as estruturas sociais e elaborem respostas éticas e políticas aos desafios da vida. A sua desvalorização nos currículos escolares, portanto, representa não apenas a perda de uma disciplina, mas a negação de um direito formativo fundamental, o direito de pensar, de criticar e de transformar.

Além disso, em tempos marcados pelo avanço de discursos anticientíficos, autoritários e tecnicistas na educação, a presença da filosofia é ainda mais urgente. Como adverte Saviani (2012), o papel da escola não pode ser reduzido à mera preparação para o mercado: ela deve ser formadora de consciências críticas, condição indispensável para a consolidação de uma sociedade democrática. A educação é um ato essencialmente filosófico, pois está intrinsecamente relacionada às concepções de ser humano, de sociedade e de mundo. Ao analisar as contribuições Paulo Freire, Silvio Gallo e Dermeval Saviani, torna-se evidente que a filosofia oferece à educação não apenas um conjunto de reflexões, mas uma base crítica e transformadora, indispensável à formação humana.

Segundo Dermeval Saviani, em *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* (2012), a educação não é neutra, mas um fenômeno histórico-social que reflete e, ao mesmo tempo, pode transformar a sociedade. O autor critica tanto as pedagogias tradicionais quanto as chamadas progressistas, argumentando que ambas ignoram os condicionantes sociais da educação. Ele propõe a pedagogia histórico-crítica, que tem como princípio a mediação entre a prática social dos alunos e o saber historicamente acumulado. Essa proposta valoriza o papel do professor como mediador ativo e considera o conhecimento como instrumento de emancipação das classes trabalhadoras.

Saviani (2012) afirma que "a educação só pode ser compreendida no interior das relações sociais" (p. 12), e que seu papel é preparar os indivíduos para intervir criticamente no mundo. Portanto, a escola deve ser pensada como espaço de formação integral, que articula teoria e prática, filosofia e ação, conteúdo e realidade.

Essa perspectiva dialética se aproxima da proposta de Paulo Freire, que defende a educação como prática da liberdade. Freire (1987) destaca que a alfabetização e o ensino devem partir da realidade do educando, mas ir além dela, possibilitando a conscientização, o despertar da consciência crítica capaz de compreender e transformar as estruturas sociais opressoras. A pedagogia do oprimido também exige uma prática filosófica, pois envolve o questionamento constante das verdades estabelecidas. Complementando essas ideias, Silvio Gallo (2000) afirma que a filosofia, mais do que um conteúdo curricular, é um modo de pensar, uma atitude investigativa e questionadora. Para ele, inserir a filosofia no cotidiano escolar é ampliar a capacidade de os estudantes refletirem sobre a vida, a sociedade, a ética e a política. O filosofar é um exercício de liberdade e, portanto, essencial em qualquer projeto educacional comprometido com a emancipação.

Somos acostumados e salientados na vontade de poder, o homem busca em diferentes causas e caminhos, a vontade de emergir em potência, se afirmando em sociedade com presença. Essa necessidade, é hoje conhecida como capital, mas nem sempre foi assim. Nos prelúdios da humanidade, o homem em destaque era o homem que detinha o saber. A consciência e a mente eram de peso maior e deles, o prestígio e ovação eram constantes. Os grandes filósofos integraram à humanidade o conhecimento a partir de seu olhar crítico, dessa mesma forma, a sociedade se dispôs de afirmar e salientar essa busca incessante pela verdade e certeza. Grandes filósofos eram homens comuns, pessoas comuns eram grandes pensadores, uma sociedade decadente tornou-se crescente, emergindo na sede do saber. As buscas pelas causas trouxeram grandes interpretações acerca do mundo, inquietos e insaciáveis, os homens queriam entender aquilo em sua volta. Houve períodos em que essa inquietação se tornou pecado, fora tratada como um golpe, ou até mesmo pensamento “demoníaco”, mesmo assim, tratados como indigentes, fizeram grandes feitos para a sociedade, trazendo reflexão e buscando concordância num vasto mundo de incertezas. Essa busca pelo conhecer, esse amor à sabedoria, todo alçoz e gozo incessante para perguntas ainda não respondidas se chama Filosofia, essa que conduziu a humanidade em passos largos para a evolução, tão perto e tão íntima a cada ser que se faz dia a dia presente, mesmo sem saber.

Seja por homens naturais, uma educação libertadora, uma educação crítica ou até mesmo em sua funcionalidade de dentro de casa, ali está presente o que hoje se torna motivo de desprazer, desconcertante na ideia de que a filosofia é distante, em um alto pedestal e até mesmo inalcançável, a sua importância é tão relevante hoje, quanto em outros tempos. Emergidos em massa, a única salvação de uma modernidade saciada é a filosofia.

“A filosofia, pra mim, não é só uma profissão. É um modo de ser.” (Mario Sérgio Cortella)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo permite compreender que a filosofia exerce um papel fundamental na formação do ser humano e na construção de uma educação verdadeiramente emancipadora e articulada. Aqui, foi possível constatar que a ausência do pensamento

filosófico nos espaços educacionais contribui para a reprodução de uma sociedade alienada, voltada apenas à lógica produtivista e à adaptação social, em detrimento da formação crítica e ética dos sujeitos, uma razão exacerbada instrumental, voltada para produtividade e não criticidade. A filosofia, quando integrada à educação, não apenas desperta o pensamento reflexivo, mas também possibilita que o indivíduo compreenda o mundo que o cerca, questione suas estruturas e atue de forma consciente na transformação da realidade, não se permitindo ser um produto de manipulação capitalista, existindo além de números.

Pela ótica de Paulo Freire, educar é um ato político e existencial, um processo de libertação do homem em frente às condições de opressão impostas pela sociedade. Sua proposta de uma educação dialógica, pautada na conscientização e na práxis, revela que o conhecimento não é algo a ser depositado, mas construído coletivamente por meio do diálogo e da reflexão crítica. A filosofia, neste contexto, é a base que sustenta essa pedagogia libertadora, pois ensina a pensar, duvidar e agir com autonomia. Freire resgata o valor do ser humano como sujeito inacabado e capaz de transformar o mundo, defendendo que o ensino deve estar a serviço da liberdade, e não da domesticação.

De modo complementar, Silvio Gallo amplia essa discussão ao propor uma filosofia da educação inspirada em Deleuze e Guattari, que rompe com a rigidez das estruturas escolares e estimula o pensamento rizomático, múltiplo e criativo. Sua defesa de uma “educação menor” aponta para práticas que escapam à homogeneização e ao controle, criando espaços de invenção e singularidade dentro da escola. A filosofia, segundo Gallo, não é um conjunto de respostas, mas um exercício permanente de problematização, um convite ao devir e à experimentação. Essa postura filosófica torna-se essencial para uma educação que não teme o novo, mas o acolhe como força transformadora.

Por sua vez, Dermeval Saviani, por meio da Pedagogia Histórico-Crítica, ressalta a necessidade de articular o conhecimento filosófico ao compromisso social da escola. A educação, em sua concepção, deve ser instrumento de emancipação das classes populares, mediando o saber historicamente acumulado com a prática social concreta dos educandos. A filosofia, nessa perspectiva, orienta a compreensão da educação como fenômeno histórico e político, contribuindo para que o estudante perceba sua inserção no mundo e se reconheça como agente de transformação.

Diante disso, compreende-se que a filosofia na educação não é um luxo acadêmico, mas uma exigência ética e social. Sua exclusão dos currículos escolares representa um retrocesso civilizatório, pois priva as novas gerações do direito de pensar criticamente e agir com consciência. Em tempos de crescente tecnicismo e desumanização, a filosofia ressurgue como resistência e esperança: resistência ao pensamento único e aos sistemas opressores; esperança na capacidade do ser humano de reconstruir-se pelo saber, pelo diálogo e pela reflexão. Assim, reafirma-se que investir na filosofia é investir na formação integral do homem e na possibilidade de um futuro mais livre, justo e solidário onde educar seja, sobretudo, um ato de pensar e de libertar.

## 6 REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Adriano; BARRETO, Angélica. **A filosofia no currículo do ensino médio e sua importância na formação cidadã.** Revista Eletrônica de Educação, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 408-421, 2018. DOI: 10.14244/198271993219

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio – filosofia.** Brasília: MEC, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas.** São Paulo: Saraiva, 2010.

DUARTE, Newton. **A pedagogia histórico-crítica e a defesa do conhecimento escolar.** Revista Práxis Educacional, v. 5, n. 6, p. 29-45, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez, 1996.

GALLO, Silvio. **A filosofia como formação para a cidadania.** In: DUARTE, Newton (org.). Educação ou adestramento? Campinas: Autores Associados, 2004. p. 113-123.

GALLO, Silvio. **Filosofia e Educação: Reflexões sobre a prática pedagógica.** São Paulo: Cortez, 2009.

GALLO, Silvio. **Filosofia e ensino médio: entre obrigаторiedades e possibilidades.** Campinas: Autores Associados, 2008.

GALLO, Silvio. **Filosofia na escola: o ensino e sua prática.** Campinas: Papyrus, 2000.

INEP. (2023). **Censo da Educação Superior.** Disponível em: [site do INEP].

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Cortes da Silva. **A importância da filosofia no ensino médio: entre o ensino e o filosofar.** Revista Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 20, n. 38, p. 45-64, 2006.

REDALYC. **A pedagogia de Paulo Freire e seus horizontes indicativos para uma dialogicidade igualitária e personalista**. Pe. Antonio Marcos Chagas; Antonio Glauton Varela Rocha. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5766/576664778009/>.

Acesso em: 09 set. 2025.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 36. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed., rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Um ensino médio de verdade precisa ter filosofia**. Coluna ANPOF, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/um-ensino-medio-de-verdade-precisa-ter-filosofia> Acesso em: 28 mai.2025.

SCHUGURENSKY, Daniel. **Paulo Freire. Tradução de Alexandre Morales**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2011.

SOARES, J.; HELOANI, R. (2018). **A Evasão na Educação Superior: Fatores e Propostas. Educação e Filosofia**.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.